



A perspicaz crónica do Miguel Esteves Cardoso “Vendem-se passados” e o facto de os atos eleitorais terem terminado, levou-me a escrever sobre um tema,

que foi bandeira das recentes campanhas eleitorais, quer para a Associação de Basquetebol de Lisboa, quer para a Federação.

Muitas das listas evocaram nos seus programas e manifestos o chavão: “Elevar o basquetebol a patamares do passado.” Como não pretendi alimentar polémicas, durante o período eleitoral, que muito pouco trariam para apontar caminhos do basquetebol, resolvi não abordar este tema, sobre o qual já tenho falado, nomeadamente no artigo “Sinais contraditórios”.

É aqui que entra a crónica do Miguel Esteves Cardoso: “A nossa especialidade é a saudade do que não aconteceu (sobretudo do que ainda não aconteceu e do que provavelmente jamais acontecerá).”

Como já ando nestas vivências do basquetebol, desde criança, primeiro através de histórias que me eram contadas pelo Prof. Mário Lemos, algumas das quais tive o privilégio de partilhar com António Feu nas recentes tomadas de posse da ABL e da FPB, e depois a partir dos finais dos anos 60 como praticante, se tentar não ser emocional, não encontro assim tantos motivos para falar em patamares elevados do passado.

O universo do basquetebol vai muito para além das equipas da liga masculina e da sua visibilidade. Aqui sim, já tivemos em patamares mais elevados, havia maior visibilidade na televisão, havia mais público nos pavilhões a assistir a jogos da Liga, havia mais participação em competições europeias e os salários dos jogadores e treinadores eram bem mais elevados.

Quase que me atrevo a dizer, que em quase tudo o resto, e é muita coisa, o basquetebol estava em patamares bastante inferiores nas décadas de 80 e 90. É claro que naquilo, que cultural e socialmente é mais visível, que é competição principal dos seniores masculinos, já tivemos melhores dias, mas à conta de que financiamento?

Do dinheiro que o basquetebol como produto conseguia alcançar?

Ou à conta de subsídios camarários e da fraude de faturas falsas, que lesavam os cofres deste país, e como tal nos lesavam a todos, mas atraíam alguns patrocinadores?

Eu, que ando há muitos no basquete, um dia se tiver paciência, conto algumas histórias passadas em campeonatos da 3^o Divisão Nacional, nos anos 80 e 90, conto que competições havia nessas décadas, para os escalões de Iniciados, atuais Sub-14, digo-vos quantos anos, por ausência total de cursos, tive de esperar para conseguir tirar o Nível III, falo sobre as organizações internacionais que promovíamos, quantos espectadores assistiam a esses jogos, ou a jogos dos escalões mais novos, falo quantos campos de aperfeiçoamento existiam no país, para jovens que quisessem melhorar durante as suas férias, falo sobre quais eram os nossos resultados das seleções nacionais, nomeadamente dos escalões mais novos, onde não chegávamos a fases finais e raramente ganhávamos jogos, nas fases de apuramento, etc, etc...

Há sem dúvida muita coisa por mudar no basquetebol, e muitas promessas foram realizadas na recente tomada de posse pelo novo presidente Prof. Manuel Fernandes. Espero sinceramente que a nova direção consiga, mesmo em tempos difíceis, promover a mudança, escolher bem os seus caminhos e prioridades e termino com mais um excerto da crónica do Miguel Esteves Cardoso: “Para a nostalgia ser bem feita é preciso, primeiro, fabricar-se um passado à altura. É essa a especialidade portuguesa...”